

Morte e televisão: A banalização em busca de audiência¹

Brenda de Nazaré Simões dos SANTOS²

Jasminne da Silva AMARAL³

Juliana Camila Quaresma CORRÊA⁴

Aline Meriane do Carmo de FREITAS⁵

Milena do Socorro Oliveira ALBUQUERQUE⁶

Faculdade Estácio de Belém

Resumo

Este artigo tem o objetivo de discutir a relação entre mídia televisiva e a morte, mais especificamente, como a finitude de uma vida é banalizada ao ser anunciada pelos veículos comunicacionais como ferramenta na disputa por audiência. Para fazê-lo, realizamos uma revisão bibliográfica em que revisitamos as noções antropológicas no que tange a morte e a espetacularização das notícias nas mídias televisivas. Neste artigo, propomos, ainda, dialogar com um referencial teórico-metodológico que discute os processos socioculturais comunicativos sobre a relação existente entre avanços tecnológicos e a exploração sensacionalista da notícia, recorrendo as proposições de Charaudeau (2009), Coan (2011), bem como, discorrer acerca da concepção de morte midiaticizada a partir dos conceitos de Ariés (2003), Rodrigues (2006), Silva (2011), além de Sodr e e Paiva (2002). Acreditamos que analisar cientificamente a temática morte, a qual ainda   considerada um tabu e timidamente discutida no corpo social, seja fundamental para contribuir com a pesquisa do curso de Comunica o Social cumprindo seu papel de Responsabilidade Social – gerar integra o entre o saber científico e o popular. Ao fazê-lo, usamos como exemplo secundário as notícias veiculadas sobre a morte do cantor Cristiano Araújo, que acreditamos ser elucidativas desse fen meno, as quais foram veiculadas nas emissoras Rede Globo e Bandeirantes, no período de julho até setembro de 2015.

Palavras-chave: Sensacionalismo; Morte; Televisão; Espetaculariza o.

Introdu o

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunica o Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunica o na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2018.

² Estudante de Comunica o Social: Habilita o em Multim dia, pela Faculdade Estácio de Belém. E-mail: brenda.sant94@gmail.com

³ Estudante de Comunica o Social: Habilita o em Multim dia, pela Faculdade Estácio de Belém. E-mail:

⁴ Estudante de Direito na Estácio FAP. E-mail: Juliianacorrea08@gmail.com

⁵ Doutoranda em Antropologia na Universidade Federal do Pará. Mestre em Ciência da Comunica o na Universidade Federal do Pará. Orientadora. E-mail: linefreit@gmail.com

⁶ Doutora em Comunica o pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Coorientadora E-mail: milla.albuq@hotmail.com

A banalização da morte na mídia televisiva é um problema recorrente na sociedade. Com a crescente influência da televisão com seus programas de entretenimento, informação, entre outros, um corpo ensanguentado e estirado no chão; o grotesco, nos moldes que nos fala Sodré e Paiva (2002), se tornou espetáculo e um forte gerador de audiência e, portanto, lucro; como vemos em telejornais e programas televisivos extremamente sensacionalistas⁷(COAN, 2011). Porém, esse tipo de entretenimento causa diversos problemas na sociedade, dentre eles, pessoas ficam chocadas com a forma como a violência é apresentada e a potencialização do ódio das pessoas a tal ponto que se esquecem de que o indivíduo morto também tem pessoas que lamentam e sofrem pela sua morte.

Este artigo objetiva trazer uma reflexão sobre a mídia televisiva e a morte, abordando o caso do cantor, instrumentista e compositor sertanejo, Cristiano Araújo, em que sua morte se tornou uma espécie de espetáculo, nos moldes que fala Guy Debord, as mídias de massa⁸.

No primeiro momento, é abordado o significado da morte para o ser humano na visão de Rodrigues (1983, 2006), e como o conhecimento de tal fato, nos torna diferentes dos outros seres, abordando sobre o desejo do homem de “existir”, em que citamos o conceito Mulçumano, objeto de estudo de Greiner & Amorin (2007). E como se dá a relação entre “Mídia e Morte”, abordando as formas como a morte era tratada em determinados momentos. De como a mídia utiliza a estética do grotesco, nos moldes que nos fala Sodré e Paiva (2002), de maneira recorrente, na contemporaneidade, desde as artes, literatura, cinema até formas de vida quotidianas, com ênfase especial, à televisão, cuja busca por audiência privilegia o grotesco chocante.

Em um segundo momento o enfoque é o cantor e a notícia de seu acidente, para maior ambientação a cerca do caso aqui estudado, apresentando dados e informações adquiridos com análise em vídeos de notícias veiculadas tanto na Rede Globo quanto na Rede Bandeirantes, além de pesquisas nos sites G1 e UOL. Também foram utilizados conceitos para uma análise das notícias utilizando como referência os estudos de Charaudeau (2009).

⁷ Usa de efeito sensacional dos assuntos tratados, capazes de causar impacto, de chocar a opinião pública, sem que haja qualquer preocupação com a verdade.

⁸ Mídias como, televisão, rádio e jornais impressos, que disseminam informações para uma quantidade alta de pessoas.

Analisamos o caso do cantor Cristiano Araújo, falecido em 24 de junho de 2015, em Goiânia, Goiás⁹. Tal caso teve repercussão durante vários meses e pautou as conversas cotidianas. Analisaremos a forma como o caso foi abordado em duas emissoras específicas: Rede globo e Bandeirantes¹⁰, mostrando o contraste na abordagem dos seus programas, em que enquanto uma busca estimular o lado emocional do público, a outra trata o caso de forma agressiva, mostrando o corpo da vítima ensanguentado e ferido. Para Sodré e Paiva (2002) o espaço público brasileiro que hoje é eminentemente televisivo virou uma imensa “arena de horrores”, em que o grotesco se torna a categoria estética dominante. Se antes estava presente basicamente nos programas de auditório, hoje está em todo lugar. Mais do que no passado, o grotesco tornou-se uma categoria explicativa dos conteúdos televisivos

O Espetáculo “Dona morte”

Consciência da morte é uma marca da humanidade (RODRIGUES,1983: p. 19). Os animais não reconhecem a morte, pois não têm percepção do seu significado. Sabem o que os ameaçam e se preparam para luta, através de seu instinto e suas armas: garras, venenos, presas, armadilhas ou para se defender em seus cascos, espinhos.

Pensar na morte é pensar que “eu”, sujeito pensante, possa a vir a ser o nada, vazio, pois para um ser pensante, não é a morte, categoria geral e indefinida, que coloca um problema, mas o fato de que ele, sujeito pensante, morre – o fato de que ‘eu’ morro (RODRIGUES, 2006: p.17). O que mostra como o fantasma do aniquilamento ronda e permanece presente, desafiando os sistemas humanos de explicação do homem e do mundo. Emerge, assim, a difícil tarefa de pensar a realidade de cada morte individual, em função da sua não aceitação de se ver como mortal.

A criança, de acordo com Rodrigues (1983), só passa a temer a morte aos seis anos de idade e com o passar dos anos conhece e vivencia outras possibilidades que causam a morte. O Homem vai aos poucos sendo preenchido de experiências reais ou imaginárias em que essas significações da morte vão tomando forma e a apropriação da ideia da finitude da vida é, pois, função da interação do sujeito com seus parceiros, com seu próprio eu, com sua cultura (RODRIGUES,1983: p. 23).

⁹ Leste da região Centro-Oeste, no planalto central Brasileiro

¹⁰ Pela diferença de abordagem da notícia. Globo em uma abordagem sentimental, enquanto a Bandeirantes apresenta uma notícia mais dura e com exposição a violência.

Para Rodrigues (1983), a consciência da morte foi necessária para a libertação do homem apenas do sobreviver, do instinto para um mundo em que pudesse pensar, criticar e até se revoltar contra seu próprio destino de inexistência. Pode ser esse o ponto chave para o desenrolar de todo o medo e atos que levam o homem a querer fugir de seu fim, de querer “existir”.

A experiência de vida e de morte conjuga com a necessidade do homem em querer se preparar para morte e analisar o seu próprio fim. Sua individualidade posta, marca a presença do homem e o leva a racionalizar sobre sua estadia na Terra, seu papel enquanto ser humano e seus aspectos materiais.

(...) as primeiras materializações que nos permitem acompanhar o processo de hominização são instrumentos de sílex bruto e marcas de presença humana em um território. Entretanto, outras provas desse processo se adicionaram logo a estas primeiras, de uma maneira cada vez menos contestável: as sepulturas (RODRIGUES, 2006: p. 19).

A solidez da individualidade se firma com a autoconsciência, capaz de enfrentar a tirania da espécie. (RODRIGUES, 2006: p. 20). O indivíduo consciente chamará a morte: a perda de sua individualidade. Essa consciência da própria morte é sem dúvida uma das maiores conquistas constitutivas do homem: não se trata mais de uma questão de instinto, mas já da aurora do pensamento humano, que se traduz por uma espécie de revolta contra a morte (MORIN, 1970, apud RODRIGUES, 2006: p. 20).

Com base nesse contexto, Rodrigues (2006: p. 25) examina uma variedade de formas culturais no intuito de distinguir comportamentos funerários. Seu interesse é destacar determinadas estruturas de pensamento e codificações ideológicas, no interior das quais a morte é constituída em algo significativo, para em seguida tentar descobrir suas atualizações e realizações históricas na sociedade ocidental.

O homem nunca deixou de se preocupar com a morte e com os mortos. Alguns países classificam a morte em eventos. No Brasil, por exemplo, a morte é classificada da seguinte maneira: morte morrida, a morte por velhice; morte matada, considerada morte violenta. Na primeira, o indivíduo chegou ao término de sua existência biológica por razões ligadas ao próprio funcionamento do organismo. A morte de “velhice” é a morte do ancião, que lentamente se aproxima do seu fim, sem envolver acidentes. Morte morrida e morte por velhice confirmam talvez o que se chama de “morte natural”. Na segunda, morte matada, morte súbita inclui todos os eventos de morte para os quais se poderiam

apontar um responsável: morte por acidente, assassinato, suicídio. Considerada por alguns estudiosos como a morte súbita e de seu contrário morte agônica (RODRIGUES, 2006: p. 26).

É paradoxal o fim da vida humana que a morte física não seja o bastante para realizar a morte na consciência, por não conseguir pensar no morto como morto e por isso não pode se limitar a lhe atribuir uma certa “vida”. Por conta disso, a morte não corta os canais de comunicação com o morto, embora estabeleça novos meios e novos códigos. O morto não só se manifesta por metáforas e metonímias, como também conserva, por algum tempo, determinados poderes e direitos, mais ou menos duradouros segundo as diferentes culturas (RODRIGUES, 2006: p. 29).

No atual cenário tecnológico, essa comunicação não poderia deixar de estar presente nas relações sociais e o tema da morte e todas as outras questões relacionadas à finitude humana. Com essa vertente tecnológica, a morte tem ganhado espaço em programas que exploram cada vez mais a quebra dessa relação social, como ela afeta a vida humana por todo seu tempo investido sobre qual a consciência coletiva atribuía uma maior ou menor dignidade (RODRIGUES, 1983: p. 21).

Nessa perspectiva, despedir-se do indivíduo morto, segundo Rodrigues (2006: p. 34) é um gesto de exclusão que deverá ser compensada, invertida de certo modo, em um movimento contrário de reinserção do indivíduo, de iniciação, de renascimento para uma nova vida, em um novo mundo, em uma nova sociedade.

Acreditava-se em uma vida além da morte que não ia necessariamente até a eternidade infinita, mas que promoveria uma conexão entre a morte e o final dos tempos (ARIÈS, 2012: p. 52). Para Matos-Silva (2011), após a morte se pensava que a vida teria continuação em ‘outro lugar’, sempre visto como um lugar melhor que o mundo dos vivos, inexistente de tristeza, fome e aborrecimento.

Nesse contexto, percebe-se o interesse dos homens em continuar a produzir uma imensa variedade de significâncias em torno de sua morte e da dos outros, pois a morte não aniquila o ser, ela abre as portas para um além, para uma outra vida (RODRIGUES, 2006: p. 39). A consciência da morte abre uma passagem pela qual vão transitar forças consideráveis que transformarão a maneira humana de ver a vida, a morte, o mundo.

A humanidade é a única consciente da mortalidade de seus membros. Esta consciência faz parte da adaptação autocrítica dos homens ao mundo, que é a cultura, e está em relação com a significação do indivíduo no corpo social. É pela

consciência da morte que o homem se distingue mais nitidamente dos outros seres vivos e sua vida adquire o que ela tem de mais fundamental (RODRIGUES, 2006: p. 34-35).

Nesse universo de transformações que a humanidade vivenciou, permanece o problema sobre a não aceitação da morte e a sua extraordinária diversidade de soluções que lhe são oferecidas (RODRIGUES, 2006: p. 39). Ritualizar a passagem dos moribundos do mundo dos vivos para o mundo dos mortos dependeria de como cada cultura estabelecia:

uma imagem maternal da morte (a vida do aqui é como a vida de um feto, a morte é o verdadeiro renascimento); ou uma imagem de sono (a morte é repouso, é o último sono – ‘cemitério’ em sua origem grega significava ‘lugar onde se dorme’); ou construir uma teoria de metempsicose (ideia de uma vida que se estende no tempo, passando através de vários corpos) ou uma gramática de reencarnações (que supõem uma continuidade consciente da personalidade através de vários renascimentos); ou ainda acreditar na ressurreição (restabelecimento da existência humana depois da morte: ‘reviver’) (RODRIGUES, 2006: p. 39).

A morte é transformação, mudança de estado, vazio interacional e talvez o terreno por excelência daquilo que Marcel (1971) denominou “expressão obrigatória dos sentimentos” (MAUSS, 1971, apud RODRIGUES, 2006: p. 41). Comportamentos que são repassados conforme o que as culturas estabeleciam através de seus códigos de estruturação, que geravam lei e ordem. Seu papel era controlar as atitudes do homem no convívio social. Quando esse controle era ameaçado provocava pânico na consciência ou no inconsciente dos indivíduos.

Tudo o que representa o insólito, o estranho, o anormal, o que está à margem das normas, tudo o que é intersticial e ambíguo, tudo o que é anômalo, tudo o que é desestruturado, pré-estruturado e antiestruturado, tudo o que está a meio caminho entre o que é próximo e previsível e o que é longínquo e está fora de nossas preocupações, tudo o que está em nossa proximidade imediata e fora de nosso controle, é germe de insegurança, inquietação e terror: converte-se imediatamente em fonte de perigo (RODRIGUES, 2006: p. 60).

Diante disso, compreende-se que o lugar do cadáver deveria ser distante, discriminado e avesso a vida terrestre, materializada. O morto é um ser que, estando próximo, está ao mesmo tempo distante; que estando morto, manifesta ainda violentas reações de vida (as unhas, a barba e os cabelos crescem, transpira, exala gases, odores, vermes...); que estando presente, já está ausente. Por outro lado, é julgado e não pertence nem ao mundo dos vivos e nem ao mundo do além. Ele, que era a materialização da

estrutura, agora se desestrutura. Agora é antiestrutura. É esta atividade incontrolada que sobrevém ao cadáver que a sociedade não pode suportar (RODRIGUES, 2006: p. 61).

Esse distanciamento supõe, evidentemente, uma certa consciência realista do desaparecimento dos indivíduos e dos perigos estritamente sociológicos que este desaparecimento comporta. Por isso, as sociedades assumiram, obrigatoriamente, atitudes firmes diante do desaparecimento de seus membros, começando por uma espécie de rotinização da morte, ou seja, pela inserção dela em um esquema de expectativas (RODRIGUES, 2006: p. 67).

Não se trata somente de esquecer o morto e de obturar a lacuna que ele deixou. Trata-se também de mobilizar a comunidade para suas relações com o novo parceiro – alma, espírito, ancestral etc. – que a morte criou. As relações não cessam com o falecimento, uma vez que o morto de numerosas maneiras vai continuar a influenciar os vivos. Esta comunicação dos mortos com os vivos se dá nos sonhos, no aparecimento dos mortos, através de fenômenos meteorológicos, pelas sombras, pelos recém-nascidos, pelos sacerdotes. (RODRIGUES, 2006: p. 75-76)

Se a sociedade é um sistema de comunicação, o desaparecimento de um componente de sua organização põe em crise todo o sistema. A morte de um indivíduo não é um evento isolado, mas representa tantos eventos quantas relações o indivíduo morto mantivesse: amizade, inimizade, paternidade, filiação, aliança, propriedade. Todas essas relações, que constituem o tecido social, correm o risco de se romper ou se rompem efetivamente (RODRIGUES, 2006: p. 75).

Por ser um sistema e como todo sistema comporta dimensões coercitivas, as sociedades desenham os seus contornos no intuito de garantir sua sistematicidade. Também é essencialmente um sistema de comunicação e de significação, acarretando ser um sistema de regras que organizam o pensamento, o sentimento, o comportamento de seus membros. Suas regras são dotadas de poder: sem poder, elas não seriam regras e o sistema não seria sistemático (RODRIGUES, 2006: p. 85).

A morte é apropriada pelo poder nos ritos de passagem. A sociedade é um sistema de posições e a passagem de uma posição a outra contém a morte simbólica para o estado anterior. À imagem da morte física individual, que corta os canais de comunicação do indivíduo com o mundo, os ritos de passagem, que são canais de comunicação entre as diferentes posições sociais, impõem ao indivíduo a morte em determinadas dimensões comunicacionais (RODRIGUES, 2006: p. 88).

O controle da morte pelo poder se mostra também em uma espécie de seletividade na passagem para o mundo do além: a vida no outro mundo dependerá do comportamento

que os indivíduos observem no mundo terreno (RODRIGUES, 2006, p. 88). O que também facilitava a sua passagem para o mundo do além. A morte real e completa só acontece quando o morto é esquecido, quando não há mais ninguém para sacrificar em sua intenção, quando não encontra mais suporte algum no mundo concreto (RODRIGUES, 2006: p. 89).

Mídia e Morte

Tratado de forma familiar, o velório acontecia a domicílio, no meio dos familiares, o corpo ficava exposto e era visitado pelos entes queridos. Na idade média, a morte era “pública e comunitária”, existindo o simbolismo do morto estar reunindo seus familiares (RODRIGUES, 2006). “A morte não era insuportável e nem inconsolável e nem provocava grandes aflições nos indivíduos que iam morrer” (RODRIGUES, 2006: p.122), por causa da crença que tinham da vida após a morte, defendida pelo cristianismo. Havia também a resignação, aceitando a morte como fatalidade.

O século XX modificou completamente essas práticas de descarregamento de lágrimas, gritos e lacerações que terminavam pelo domínio do cheio coletivo sobre o vazio individual (RODRIGUES, 2006: p.165). A morte não é vista como pavoroso, nem agradável, torna-se simplesmente ausente, torna-se um evento solitário, que muitas vezes, é transferida para os hospitais, onde se veem os sintomas, as doenças, mas não a proximidade da morte, pois o avanço da medicina faz com que a vida seja estendida, tendo-se a falsa ideia da onipotência e vitória (RODRIGUES, 2006).

A TV pode ser considerada um dos meios mais influentes no processo de formação de opinião das pessoas, de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia (Governo do Brasil, 2014). É uma fonte de informação e entretenimento, tendo também a capacidade de proporcionar discussões entre as diferentes classes sociais. E, atualmente, a forma que a televisão passa as notícias sobre violência e morte tem sido espetacularizada, visando a audiência, conseqüentemente, o lucro. Nas palavras do filósofo francês Guy Debord (1997), O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo."

Atualmente, a mercadoria é a notícia (COAN, 2011). E como a morte é um dos temas mais presentes nos veículos de informações, podemos chegar a conclusão de que a

mídia vende morte, sendo isto comprovado nas notícias veiculadas em jornais impressos, online e na televisão. Sendo veículo poderoso que influencia sobre o comportamento humano, por ser uma mídia de massa, gerando discussões, pautando as conversas cotidianas, não pode ser dispensada de considerações éticas para com a sociedade.

Conforme as exigências jornalísticas de seleção da notícia, os casos de mortes violentas são assuntos preferenciais da mídia, podendo ter como exemplo o caso de Isabella Nardoni, entre outros casos com menos relevância. E a comunicação de massa tem produzido de forma eficaz o discurso sensacionalista da morte.

O assunto antes pouco falado no meio social, surge com força na mídia principalmente nos programas informativos. O que se observa na televisão brasileira, especificamente nos telejornais, é que as notícias populares ¹¹são as que utilizam a violência. O gênero, tratado por Sodré e Paiva (2002), em seu livro sobre o grotesco, tem como função a maneira como algum fenômeno é representado. Neste caso, para exemplificar, aponto o “grotesco chocante” como gênero específico desse tipo de representação, onde a violência e a morte, na mídia, servem para provocar e chocar superficialmente os telespectadores, com intenções sensacionalistas (SODRÉ e PAIVA, 2002).

Casos como o da médica Virgínia Helena¹², são exaustivamente explorados pelos meios de comunicação a fim de envolver o público através da comoção gerada pelos recursos sensacionalistas.

Quando a notícia deixa de ser o relato e passa a ser a maneira, ou a roupagem com que é apresentada – rápida, sem apuração rigorosa, feérica, fantasiosa, vestida para chocar, exagerada, apelando para as sensações, o assombro, a admiração ou a repulsão do consumidor -, deixa de ser notícia, falseando a imagem da realidade. Ressalta-se nuances de poucas relevâncias, apenas garantidores de emoções, e contribui-se para reforçar mitos e crendices. (JORGE, 2008: p. 78)

Para Jorge (2008) a mensagem sensacionalista é, ao mesmo tempo, imoral-moral e não limita com rigor o domínio da realidade e da representação. Nessa soma de ambiguidades, se revela um agir dividido, esquizofrênico. O sensacionalismo é ferramenta do jornalismo para seduzir o público e alcançar o lucro.

¹¹ Notícia de maior interesse público.

¹² Médica acusada de aplicar eutanásia nos pacientes, acelerando sua morte.

Quem era Cristiano Araújo?

Cristiano de Melo Araújo, ou como era mais conhecido pelos fãs, “o causador de efeitos” (isso segundo sua página oficial no Facebook¹³)¹⁴, foi um cantor, instrumentista e compositor brasileiro da música sertaneja. Desde muito pequeno, após ter “estourado” músicas de sucesso como: “Efeitos” (2011), “Você Mudou”(2012), “Maus Bocados”(2013), “Cê Que Sabe”(2014), “É Com Ela Que Eu Estou (2014) e “Hoje eu Tô Terrível” (2015) tornou-se conhecido pelo público do nicho, ou seja, aquela porção específica, um seguimento de público-alvo, e até hoje é lembrado pelos companheiros de trabalho e fãs.

Conquistou com suas músicas lugares de destaque nas rádios do país. Em 2013, segundo o monitoramento da Crowley (empresa que monitora rádios para informações musicais e de caráter publicitário desde 1997) Cristiano estava com duas músicas no top 50 das 100 mais tocadas nas rádios do Brasil, em 41º lugar com “Mente Pra Mim” e 44º lugar com “Caso Indefinido”; A música Maus Bocados foi 11º lugar das 100 mais tocadas em 2014 nas rádios de todo Brasil (CROWLEY, 2013), em 2014. Além disso, estava dando os primeiros passos em sua carreira internacional. Cristiano estava trabalhando com o cantor internacional Ian Thomas no projeto "In The Cities" e realizou uma turnê nos Estados Unidos.

O acidente

Aconteceu no dia 24 de junho de 2015, na BR-153, no KM 614, entre Morrinhos e o Trevo da Pontalina, em Goiás, segundo informações veiculadas na mídia (nossas pesquisas se restringiram nos portais de notícias *GI.GLOBO.COM* e *BAND.COM.BR*) as investigações do corpo de bombeiros, na época, apontaram que Cristiano voltava de um show em Itumbiara, no sul do estado, durante a madrugada. Quando o veículo em que estavam (Cristiano), a namorada (Allana Moraes), um de seus empresários (Vitor Leonardo) e o motorista (Ronaldo Miranda), saiu da pista e capotou. Cristiano e a namorada, Allana Moraes foram as vítimas fatais do acidente. Os outros dois ocupantes do veículo tiveram ferimentos leves.

¹³ Rede social.

¹⁴ Disponível em https://www.facebook.com/CristianoAraujoEfeitos/?ref=br_rs

Foi após mais de dois meses do acidente que o inquérito aberto pela Polícia Civil para investigação das causas, concluiu o segundo laudo médico do Instituto de Criminalística de Goiás, que o carro do Cristiano Araújo capotou devido à ruptura de soldas da roda traseira, situadas no lado direito e o rompimento das soldas cortaram o pneu que saiu completamente da estrutura do automóvel causando o descontrole, e em seguida o capotamento. Foi constatado também pela perícia, que somente nesta peça que não era original e tinha aro 22, haviam 10 pontos de soldagem feitos com material de má qualidade, e também segundo a Polícia Civil apoiada em depoimentos e laudos de perícias realizados durante a investigação, o casal morreu devido uma série de fatores, inclusive por não usar o cinto de segurança. Informações na matéria publicada no Portal G1 de Notícias no dia 10 de setembro e atualizada no dia 11 de setembro de 2015.

E como o fechamento do inquérito em setembro de 2015 para polícia civil indiciou o motorista Ronaldo Miranda de 41 anos pelas mortes, segundo o delegado responsável pelo caso, Fabiano Henrique Jacomelis, o condutor deve responder pelo crime de duplo homicídio culposo na direção do veículo automotor.

“houve o crime de trânsito, ele agiu com negligência no momento que transitou com as rodas não originais, com danos, e imprudente por dirigir em excesso de velocidade”, disse Fabiano Jacomelis, em entrevista para o portal G1 de notícias (da Rede Globo).

A análise do caso: Globo

Nessa parte do trabalho decidimos fazer uma análise de como essas emissoras, no caso a rede Globo e a Bandeirantes, abordaram a morte do cantor Cristiano Araújo. Aqui especificamente, as abordagens e o discurso feitos pela emissora Rede Globo de Televisão, onde podemos notar um tom emotivo, no sentido construído pela narrativa para sensibilizar audiência, numa finalidade ambígua de querer transmitir a informação e também chamar atenção para si (CHARAUDEAU, 2009, p. 58-59).

“Dizíamos que as mídias se apresentam como um organismo especializado que tem a vocação de responder a uma demanda social por dever da Democracia(...), entretanto trata-se de um organismo que se define também através de uma lógica comercial” (CHARAUDEAU, 2009, p. 58-59). Ou seja, segundo ele, na tentativa de “captar” grande parte, ou maior parte do público, como é comum nos objetivos de programas televisivos, esses organismos, como se dirigia, são obrigados a recorrer a

sedução ,o que nem sempre atende às exigências de credibilidade que caberiam se tivessem apenas a função de prestar serviço ao cidadão, no caso, transmitir a informação apenas.

Segundo o contexto no qual aparece, uma informação pode produzir um efeito de banalização, de saturação, de amálgama ou, ao contrário, de dramatização. Se as manchetes dos jornais são diferentes é porque para se diferenciar do concorrente cada jornal deve produzir efeitos diferentes (CHARAUDEAU, 2009, p. 59).

A questão interessante em produzir efeitos, é o que se caracteriza como: “O “grau zero” da informação, o qual é como uma ausência de todo o implícito e de todo o valor de crença da informação” (CHARAUDEAU, 2009, p. 59). O que seria a característica de uma informação puramente factual e por esse motivo imparcial e objetiva, como aquelas que vemos em anúncios de jornais, na programação de cinema e teatro. Para ele não existe informação veiculada do tipo “grau zero”.

O que levou a pesquisar sobre a multiplicidade de discursos na informação, para entender melhor quais são as características de um discurso informativo, e depreender que o discurso da informação é voltado para um alvo específico, para lhe transmitir saber, sendo por esse motivo diferente do discurso propagandista, já que este aborda apenas a sedução ou a persuasão, por exemplo. Entendendo também que este discurso tem uma relação estreita com o imaginário do saber e do poder pela autoridade que o saber lhe confere:

“Informar é possuir um saber que o outro ignora (“saber”), ter aptidão que permite transmiti-lo a esse outro (“poder dizer”), ser legitimado nessa atividade de transmissão (“poder de dizer”)” (CHARAUDEAU, 2009, p. 63). Porque querendo ou não uma instância de informação, como as mídias, de fato exerce poder sobre os outros, e o discurso midiático joga com essa influência.

Segundo as reportagens da emissora, logo depois da sua morte, o Brasil se dividiu em dois tipos de pessoas: as que já conheciam o cantor Cristiano Araújo e sofriam, choravam pela sua morte e as que não o conheciam devido ao fato de ele ainda fazer sucesso apenas no universo sertanejo. Como abordou a matéria veiculada no programa Fantástico, no dia 28/06/2015 (G1, 2015). Nela, uma abordagem extremamente emotiva sobre fatos desconhecidos da carreira e vida do cantor Cristiano Araújo, com os depoimentos do pai do cantor, João Reis, onde ele descrevia como era o Cristiano: “uma

peessoa do bem... que jamais fez qualquer coisa de mal a ninguém... uma pessoa alegre, feliz, extremamente feliz!”.

Outra parte da entrevista que fica claro esse discurso mais emotivo são as falas dos pais de Allana Moraes, Mirian e Frank Moraes.

“...meu corpo tremia, a respiração faltava e eu fiquei como... eu fiquei... assim... sem chorar... eu acho que eu tava passando aquele momento, assim... pelo vale da sombra da morte”, Mirian Moraes sobre o momento que recebeu a notícia da morte de Allana. Onde eles falam do apoio dos amigos, da família e do que as duas famílias enfrentam no momento:” Graças a Deus me sinto muito amado...tenho muitos amigos, muitos parentes, muita gente... apoiando a gente. Isso aí nos fortalece muito, sabe..., mas vai ser fácil não” Frank Moraes sobre o momento que vivem tanto a família do Cristiano, quanto a família deles, passaram nesse momento pela dor da perda.

Onde eles falam do apoio dos amigos, da família e do que as duas famílias enfrentam no momento:

“Graças a Deus me sinto muito amado...tenho muitos amigos, muitos parentes, muita gente... apoiando a gente. Isso aí nos fortalece muito, sabe... mas vai ser fácil não” Frank Moraes sobre o momento que vivem tanto a família do Cristiano, quanto a família deles. O momento da perda.

A análise do caso: Bandeirantes

Em comparação, a análise feita na TV Bandeirantes através dos vídeos disponíveis em sua plataforma (BANDEIRANTES, 2015), abrange um espectro amplo da notícia que ganha grande repercussão ao passar de forma sensacionalista o acompanhamento do caso. Com cenas mais detalhistas, a emissora mostra o corpo do cantor entrando no hospital de Goiânia, entrevistas exclusivas com a pessoa que prestou os primeiros socorros, imagens do carro do cantor totalmente desfigurado após o acidente; E reportagens focadas em outros crimes cometidos por configurar desrespeito aos direitos do morto, a chamada por eles de “Necrofilia da Arte” (BANDEIRANTES, 2015). Tudo isso sendo exibido de forma exaustiva. Os editores utilizam detalhes, sons, zoom, coloração, para uma ambientação afim de chocar e causar mais impacto. O mesmo acontece com a morte de criminosos, em alguns casos, gera até a satisfação dos telespectadores (é menos um assaltante, estuprador, assassino na rua).

Nas notícias que são vinculadas na TV Bandeirantes, é perceptível o investimento na violência, na morte e na vulgaridade. Ela despense grandes doses de programação de

baixa qualidade, geralmente violenta, popularesca e apelativa. Para o grupo de estudiosos, dos quais se destacam Acosta-Orjuela (1999) e Pfromm Netto (1972), as pessoas submetidas constantemente a informações violentas então mais propensas a agir de forma violenta no meio social, quando provocadas.

A outra forma de manifestação da morte na mídia, é a de cidadãos comuns, que não possuem sua vida exposta na televisão. Estes só viram notícias quando os fatos em que estão envolvidos são extraordinários, anormais, explosivos, inusitados, o que é designado de maior ou menor dignidade ao morto (RODRIGUES, 2006). Tomando novamente como exemplo o caso de Isabella Nardoni. Uma pessoa comum transforma-se em notícia, quando é vítima, por exemplo, de assassinato incêndio, desastre. Alguém que morre sozinho em casa ou no hospital, por problemas cardíacos, insuficiência respiratória, infecção intestinal, câncer, não atrairá a atenção da equipe jornalística local.

A ênfase pública destas mortes é proporcional às características extraordinárias do evento. Dependendo do que aconteceu, tornam-se histórias valiosas por causa da dramaticidade e imediatismo do fato. Só a morte fora do comum tem valor de notícia e terá espaço na mídia e, conseqüentemente, tratamento público.

Referências Bibliográficas

ACOSTA-ORJUELA, G. M. **15 Motivos para “ficar de olho” na televisão**. Campinas: Alínea, 1999.

BANDEIRANTES. **CQC persegue homem que postou vídeo do corpo de Cristiano Araújo** Disponível em: <http://videos.band.uol.com.br> Acesso em: 05 de abr de 2018.

BANDEIRANTES. **vídeos pesquisados por: cristiano araujo**. Disponível em: <http://videos.band.uol.com.br/busca/?keyword=cristiano+araujo> Acesso em: 05 abr de 2018.

CHARAUDEAU. **Discurso das Mídias**, 2009.

COAN, E. **A informação como mercadoria e a estetização da notícia na sociedade contemporânea**. In: Revista Estudos de Sociologia: Araraquara, v 16, n. 30, p. 19-35, 2011.

ECO. **Cantor Cristiano Araújo morre após acidente de carro.** Disponível em: <http://oecojournal.com.br/cantor-cristiano-araujo-morre-apos-acidente-de-carro>. Acesso em: 01 abr de 2018.

GLOBO. **Cantor Cristiano Araújo morre após acidente de carro em GO, diz hospital** Disponível em: <http://g1.globo.com> Acesso em: 04 abr de 2018.

GOVERNO DO BRASIL. **Televisão ainda é o meio de comunicação predominante entre os brasileiros.** Disponível em: <http://www.brasil.gov.br> Acesso em: 2 abr de 2018.

GREINER & AMORIN. **Leituras da morte.** São Paulo: Annablume Editora, 2007.

GUY DEBORD. **A sociedade do espetáculo.** Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

JORGE, T. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas,** 2008. 1ª. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MAUSS, Marcel; 1971 apud RODRIGUES, José; 2006. **Tabu da Morte.** 2a Ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

MORIN, Edgar; 1970, apud RODRIGUES, José; 2006. **Tabu da Morte.** 2a Ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

O POPULAR. **Morte de Cristiano Araújo é destaque em jornais do País.** Disponível em: www.opopular.com.br Acesso em: 13 mar de 2018.

PFROMM NETTO, S. **Comunicação de Massa: natureza, modelos, imagens; contribuição para o estudo da psicologia da comunicação de massa.** São Paulo, Pioneira, 1972.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da Morte.** 2ª ed ver. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da Morte.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1983.

SODRÉ, Muniz. PAIVA, Raquel. **O império do grotesco.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002.